

Presente, passado e futuro confundem-se nas carruagens de um comboio que atravessa a Europa de Leste no Inverno: Rússia, Ucrânia, Polónia. É uma viagem que conduz aos campos de extermínio. As vozes dos sobreviventes relatam aquilo que não é possível mostrar em imagens. O velho postulado do pós-guerra «NUNCA MAIS» soa agora como uma fantasia. Tudo está a acontecer novamente.

«Houve um tempo em que também sonhei. Sonhei que este passado nunca mais voltaria. Mas estava enganada. Esse passado está sempre aqui. Até hoje tenho horror a estações de comboio, linhas férreas, vagões. É como se todos os comboios me levassem para Auschwitz, Dachau, Treblinka.»

O DESAFIO DE FAZER UM FILME SOBRE O HOLOCAUSTO

A partir de uma entrevista a Sérgio Tréfaut por Kathleen Gomes

GÉNESE DO FILME

Tudo começou com uma proposta de documentário sobre Marceline Loridan-Ivens, viúva de Joris Ivens, judia francesa, cineasta e escritora, sobrevivente do campo de Birkenau. Foi através de Marceline que comecei a perceber o universo de fantasmas que rodeia os sobreviventes do Holocausto, como os de outros genocídios. Pessoas que conheceram o horror absoluto e para quem a vida tem outra dimensão. O desafio formal de rodar o filme inteiramente dentro de comboios surge com Marceline: ela diz que toda a vida odiará comboios, mesmo um TGV em primeira classe. É como se todos os comboios a levassem para um campo de concentração, para Auschwitz. Os comboios permitem uma viagem no tempo e um convocar da memória.

O LIVRO E O TRATAMENTO DO HOLOCAUSTO

Ao ler o livro de Chil Rajchman, *Je suis le dernier juif*, publicado pela primeira vez em 2009, fiquei em estado de choque, sem fôlego. O lado descritivo e factual do quotidiano num campo de extermínio pareceu-me mais forte do que tudo o que tinha lido até então. Apesar de eu conhecer obras de referência sobre o Holocausto, como *Se isto é um homem*, de Primo Levi, a leitura do livro de Chil Rajchman deixou-me muito perturbado. Quis partilhar essa experiência através de um filme onde a palavra seria o principal veículo. Claro que é sempre um enorme desafio fazer um filme relacionado com o Holocausto, depois de obras monumentais como *Shoah*, de Claude Lanzmann. Mas, apesar de *Shoah* ser um filme de nove horas, não acredito que esta ou aquela obra esgote um assunto — particularmente um assunto de que é sempre preciso voltar a falar de formas diferentes. A questão que me coloquei é se o filme teria coerência, sentido e impacto num público mais amplo. Fiquei muito contente quando vários responsáveis de ensino insistiram em mostrá-lo em escolas e universidades.

UM FILME CONCEPTUAL

Há neste filme uma voluntária oposição entre o horror do texto e uma possível beleza das imagens. Com o texto, eu queria que o público sentisse o incómodo que senti quando li o texto de Chil Rajchman. Queria que vivesse durante uma hora a experiência de ouvir esse relato.

Pode ser uma experiência muito física. Em termos imagéticos, o filme é quase o contrário. Existe hoje em dia uma tal exaustão de imagens do horror que as imagens não provocam nada. Estranhamente, a figura mais repetida em toda a história de arte é a imagem de um crucificado. Estamos quase anestesiados em relação à violência visual. No entanto, eu acredito na capacidade da palavra em nos transportar para universos que não conhecemos, incluindo os do horror.

As imagens do meu filme têm talvez uma função evocativa: na maioria, são corpos reflectidos nos vidros de um comboio, como fantasmas. Em contrapartida, as vezes que dizem o texto são reais, tal como são reais as paisagens por onde passamos hoje, no século XXI, que assistiram ao horror do Holocausto e voltam a assistir aos horrores do presente.

UM TEMA ACTUAL

Montei *Treblinka* enquanto se conheciam as atrocidades do ISIS. A situação muito próxima da barbárie absoluta e da indiferença à barbárie faz com que o filme seja muito contemporâneo.

Quando se fala com alemães e franceses que assistiram à deportação dos judeus em massa, é inevitável interrogar: Como é que viveram aquilo? Como é que se convivia com esse encaminhamento para o horror?

Mas nós vivemos a mesma coisa hoje. Temos uma blindagem e uma necessidade de anestesia para sobreviver. Também convivemos com o horror relativamente a cinco ou sete milhões — que diferença fazem os números hoje em dia? — de pessoas que saíram da Síria, e dezenas de milhares que morreram no Mediterrâneo. E temos a capacidade de seguir no nosso quotidiano.

O meu problema não é moral. Acho que o discurso “vejam só o que nós não estamos a fazer” não leva muito longe. O meu sentimento é de impotência perante a nossa incapacidade de mudar as coisas. Ou perante a minha, para começar. O pesadelo dos outros é algo com que eu tenho de conviver e, ao mesmo tempo, manter a minha sanidade. Ter consciência de que o horror absoluto está a acontecer agora e ter ainda disponibilidade para ser feliz. E se puder fazer algo, fazer. Isso é muito perturbador. Mas é o nosso quotidiano de privilegiados.